

ÁGUA VIVA: POESIA CONTEMPORÂNEA EM CLARICE LISPECTOR

Lucas Tadeu de Oliveira Maciel – UFMS
lucastadeums@gmail.com

Eliane Maria de Oliveira Giacon – UEMS
giaconeliane@uems.br

Resumo: Clarice Lispector escreveu romances, contos, crônicas, mas não enveredou pelos campos da poesia, contudo suas obras são repletas de metáforas e uma busca interminável de recriação semântica que fica mais evidente em *Água Viva*. Considerando a obra como prosa poética e à luz de alguns conceitos da literatura com Massaud Moisés, dialogando com Paul Valéry, Ezra Pound e críticos da obra Clariciana, pretende-se estabelecer um paralelo entre sua prosa e as características que a aproximam da poesia contemporânea. Posto que a fronteira entre poesia e prosa literária é bastante fluida, o objetivo não é enquadrar a obra em um gênero, mas atentar para as aproximações e distanciamentos entre estas duas instâncias literárias, perpassando pela escrita inaugural de Clarice, que ultrapassa os limites da linguagem com maestria, abrindo novas possibilidades à *poiesis* literária contemporânea.

Palavras-Chave: Prosa poética, poesia contemporânea, linguagem poética.

O projeto deste texto vem contemplar a discussão do grupo de estudos (EME): Escritores, Memória e Ensino da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, coordenado pela Professora Doutora Eliane Maria de Oliveira Giacon. Nestes estudos, nos foi possível analisar obras de escritores do Século XX, assim sendo a obra *Água Viva* de Clarice Lispector se tonou alvo deste estudo.

Clarice Lispector escreveu romances, contos, crônicas, mas não enveredou pelos campos da poesia. Pelo menos não há registro, em sua bibliografia, de alguma publicação neste sentido. Contudo, circulam na internet alguns textos dela em forma de poema, como se originalmente tivessem sido escritos assim.

Na prosa de Clarice transborda poesia, uma vez que seu trabalho com a linguagem é ricamente elaborado, com um demasiado uso de metáforas e uma busca interminável de recriação semântica, como se o que a autora quisesse dizer não coubesse em termos e palavras usuais. Estas características permeiam todo o projeto estético da escritora.

Mas, entre todos os seus livros, “*Água Viva*” (1973) pode ser considerado o que mais explicitamente apresenta as características da prosa poética clariciana e é em busca desta premissa que se norteia este artigo.

O processo de criação do livro foi árduo, a autora passou três anos travando uma luta com sua facção. A primeira versão foi intitulada *Atrás do Pensamento: monólogo com a vida* e já estava

completa em 12 de julho de 1971. Depois mudou para *Objeto Gritante*, num processo de enxugamento que segundo Alexandrino Severino, um professor de Português a quem Clarice confiou à primeira versão, consistiu em suprimir as referências biográficas muito explícitas. Porém ainda tinha 185 páginas, mais longo que *Atrás do Pensamento*, de 151.

Em *Atrás do Pensamento* Clarice pronuncia ao leitor:

Acontece o seguinte. Eu vinha escrevendo esse livro há anos, espalhados [sic] por crônicas de jornal, sem perceber, ignorante de mim que sou, que estava escrevendo meu livro. Essa é a explicação para quem lê e me reconheça: porque já leu anteriormente em jornal. Gosto da verdade. (SEVERINO apud MOSER, 2011:538)

Isto explicita o trabalho de “colagem” feito por Clarice, onde ela se copia, faz citações de si mesma, retirando de textos seus publicados em jornal a matéria para seu livro.

Ela contou com a ajuda de sua amiga Olga Boreli, para transformar *Objeto Gritante* em *Água Viva* e sem esta ajuda o livro provavelmente nunca chegaria a ser publicado, pois Clarice mostrava-se insegura por não saber o que tinha escrito. Segundo Olga, “foi a única vez que vi Clarice hesitar antes de entregar um livro a um editor.” (BORELI 1981:35)

Finalmente, em agosto de 1973 foi publicado *Água Viva*. Enquadrado por alguns como romance e por outros como ficção. Uma sugestão que vem com o título é de Medusa marinha, porém, o sentido pretendido por Clarice, segundo ela, era “coisa que borbulha na fonte”, no entanto, como o livro não tem enredo aproxima-se mais de uma medusa, algo sem esqueleto, flutuante.

Água Viva é um monólogo proferido por uma pintora - Clarice sempre quis ser pintora e chegou, nos últimos anos de vida, a pintar alguns quadros -, que, numa madrugada, permite-se ser tomada por um fluxo contínuo e ilimitado de reflexões sobre a arte, a vida, a essência, o medo, a morte, enfim, inúmeros questionamentos, pensamentos e emoções que tecem um grande poema em prosa, ou numa “sinfonia”, nas palavras de Alberto Dines em carta a Clarice:

É menos um livro-carta e, muito mais, um livro música. Acho que você escreveu uma sinfonia. É o mesmo uso do tema principal desdobrando-se, escorrendo até se transformar em novos temas que, por sua vez, vão variando, etc. etc. (DINES, 1973:1)

Nesta sinfonia, ela se constrói e nasce:

Entro lentamente na minha dádiva a mim mesma, esplendor dilacerado pelo cantar último que parece ser o primeiro. Entro lentamente na escrita assim como já entrei na pintura. É um mundo emaranhado de cipós, sílabas, madressilvas, cores e palavras - limiar de entrada de ancestral caverna que é o útero do mundo e dele vou nascer. (LISPECTOR 1973:15)

Deste útero nasce não só Clarice como seu texto. É como se ela reunisse um pouco de cada coisa sua publicada e fizesse uma montagem, como se faz um livro de poemas, juntando pedaços para criar algo carregado de significados.

Adentrando um pouco nos conceitos, a palavra *poiesis*, etimologicamente, indica o ato de criar, o fazer artístico em si, independentemente de sua forma de expressão. A fronteira entre poesia e prosa literária é bastante fluida, existindo formas intermediárias, chamadas de poemas em prosa ou prosas poéticas.

De acordo com Paul Valéry, a poesia é a literatura “reduzida ao essencial de seu princípio ativo”. Ele vê a prosa como uma marcha e a poesia como uma dança: “Comme la danse, la poésie ne va nulle part; elle trouve sa fin en elle-même” (VALÉRY apud JOUBERT, 1988, p.53). Água viva configura-se mais como uma dança que como uma marcha, as palavras possuem ritmo próprio formando uma diversidade de significados. A prosa está para a poesia, disse Valéry, assim como o ato de caminhar está para a dança, ou seja, é um crescente que chega até a poesia.

De fato, a fronteira entre prosa e poesia tornou-se cada vez mais permeável nas mãos do artista moderno, criando uma obra que vá o mais longe possível. Clarice pretendia isso, pois que afirma ao final de água Viva “O que te escrevo continua e estou enfeitiçada”, talvez “enfeitiçada” pela poesia? E se continua, vai além de um final.

Pode-se perceber resquícios de sua escrita que se aproximam do poético nos conselhos dados à Andreia Azulay, filha de seu terapeuta, dentre eles ela diz para a menina, que ao escrever ela devia “não abusar de vírgulas”, “ter sempre uma simples humildade tanto na vida quanto na literatura” e “procure escrever em prosa, até mesmo prosa poética, porque ninguém edita comercialmente livro de poesias. (MOSER 2011, p.563) .Vê-se que o conselho dado expõe o pensamento de Clarice ante ao ato da escrita, preferindo que se escreva prosa poética. Clarice bem que poderia se enquadrar no dizer de Brodsky “o poeta, em princípio, é ‘mais elevado’ do que o prosador [...] porque um poeta carente de dinheiro pode sentar-se e redigir um artigo de jornal, ao

passo que, num apuro do mesmo tipo, um prosador dificilmente pensaria em escrever um poema” (BRODSKY apud SONTAG 1983, p.16) Mas, ela insistiu em um trabalho que não a limitasse, não a rotulasse, fechando-a a escrever apenas um gênero.

Dentro da escritura de *Água Viva* Clarice declara: “Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais” (LISPECTOR 1973:13). Neste dizer ela quebra a linha divisória entre prosa e poesia. Para o poeta Ezra Pound:

Há muito de insensatez na busca das linhas divisórias; entretanto, se for preciso separar as duas artes, tanto podemos usar essa linha como outra qualquer. No verso, algo vem atingir a inteligência. Na prosa, a inteligência encontra um objeto para suas observações. O ato poético preexiste. A diferença talvez seja indemonstrável; talvez não possa nem mesmo ser comunicada a ninguém, salvo aos indivíduos de boa vontade. (POUND, 1976, p.72).

A diferença entre os dois gêneros é mais possível recordando-se que a prosa é fenômeno mais moderno, que tem seu desenvolvimento levado por um dispositivo intratextual temporal/causal. E preserva uma lógica interna: uma ação depende da outra. Em *Água Viva*, praticamente, pode-se dizer que não há ação e muito menos dependência entre os períodos, de modo que um parágrafo pode ser lido aleatoriamente e ainda assim ter sentido. Portanto, se na poesia se tem a ausência de causalidade, por outro lado, nela as emoções são transcritas em poucas palavras, porém plurisignificativas e escritas de forma livre.

Clarice considerava-se uma pessoa que provou da liberdade e isso aparece evidente em seu texto:

Só algumas pessoas escolhidas pela fatalidade do acaso provaram da liberdade esquiva e delicada da vida. É como saber arrumar flores num jarro: uma sabedoria quase inútil. Essa liberdade fugitiva de vida não deve ser jamais esquecida: deve estar presente como um eflúvio. (LISPECTOR 1973, p. 69)

Ela com certeza provou desta liberdade, não só arrumando flores num jarro, como arrumando palavras de forma a lhes embaralhar o sentido. Sobre este viés, sua obra pende mais para a poesia que para a prosa. Seu texto foi construído em fragmentos, muitos deles retirados, pois segundo a autora eram muito pessoais. Segundo um de seus biógrafos: “Em *Água Viva* ela descobriria um meio de escrever sobre si mesma de um jeito que transformava sua experiência individual numa poesia universal.” (MOSER 2011, p.535).

A linguagem de Clarice é capaz de, como a poesia e a filosofia, provocar admiração, vindo ao encontro das palavras de Bachelard, para quem "A poesia é uma admiração, exatamente ao nível

da palavra, na palavra e pela palavra" (BACHELARD 1989, p.79). Quem lê contempla como a um quadro, um poema, indaga, se indigna por não flagrar o sentido uno das palavras, pois sua poética está cheia de “imagens-frases” que fazem o leitor navegar por um mar de múltiplas possibilidades.

Olga de Sá pesquisou as obras de Clarice e salienta que:

Há, portanto, como subtexto, na obra clariceana, uma *ars poética* ou mais simplesmente uma “poética”, que laboriosamente dela podemos desentranhar. Virão juntos, grudados ao osso dessa poética, pedaços de Clarice mesma, pois ela jamais se distanciou de seu texto. É possível, pois, que esse trabalho de desencavar e ordenar, além de nos doar o que Clarice pensava da ficção, nos forneça, “de quebra”, o princípio de algumas de suas escolhas, entre todos os possíveis itinerários como escritora – e teremos assim, também a sua “poética”, num segundo sentido. (SÁ 2004, p.203)

Em síntese, Clarice realiza uma união entre o realismo e o lirismo. Para realizar essa ligação, ela, muitas vezes, lança mão dos recursos da poesia, num fazer poético próprio, permitindo mais de uma interpretação para um mesmo trecho, fazendo divagações existenciais mais comuns à poesia que à prosa, como no trecho: “Ah viver é tão desconfortável. Tudo apertado; o corpo exige, o espírito não para, viver parece ter sono e não poder dormir – viver é incomodo. Não se pode andar nu nem de corpo nem de espírito” (LISPECTOR 1973, p.94). O tema do viver é comumente representado nos dramas da prosa, porém com mais ênfase na coisa em si através dos poemas.

Quanto à estrutura e características, sabe-se que, nem a métrica, nem o ritmo, podem ser tomados como elementos definidores da forma poemática, visto que tanto o romance pode impor ao seu fluxo narrativo um ritmo fortemente marcado, como a poesia, às vezes, dispensa a métrica e o ritmo por meio do verso livre.

Para Sá (2004, p.232), em *Água Viva* tem-se “Uma escritura sem figura (o objeto), sem enredo. Um traço existencial, uma escritura do sonho, um balbúcio subterrâneo que se coagula em palavras soltas, deslizantes, num ritmo de música dodecafônica”. Qual um poema, que no mais das vezes não passa um sentido, uma história, mas gera reflexões, propõe coautoria com o leitor e é permeado por lacunas a serem preenchidas. A cada final de parágrafo, deixa-se um vácuo, cabendo ao leitor a tarefa de ligar os pontos. Clarice vai como num lance de dados em que pode-se fazer diferentes leituras iniciando-se do final do livro, do meio, de qualquer parte.

Sérgio Milliet, através da série de volumes de seu *Diário Crítico*, deixa um dos primeiros documentos críticos importantes acerca da produção literária de Lispector. Milliet apud Sá (1979, p.26-27), escrevendo sobre *Perto do Coração Selvagem*, confessa que, inicialmente, não havia dado

muita importância à obra e já ia deixá-la de lado, quando resolveu ler uma página aleatoriamente. A escolhida foi a de número 160 e lhe causou tão forte impressão que o convenceu a ler a obra por completo. Nessa leitura, ele se vê diante de uma linguagem que envereda por atalhos inesperados e atinge o poético. Clarice possui a capacidade de dar um conteúdo inesperado às palavras, dando-lhes vida própria. Para o autor, essa característica é típica da poesia. Como no trecho abaixo, onde o “corte do cordão umbilical” representa o nascimento do que parece ser o desejo, as pulsões, porém de forma delicada, lírica:

Eu estou de olhos fechados. Sou pura inconsciência. Já cortaram o cordão umbilical: estou solta no universo. Não penso mas sinto o it. Com olhos fechados procuro cegamente o peito: quero leite grosso. Ninguém me ensinou a querer. Mas eu já quero. Fico deitada com olhos abertos a ver o teto. Por dentro é a obscuridade. Um eu que pulsa já se forma. Há girassóis. Há trigo alto. Eu é. (LISPECTOR, 1973, p.37)

Clarice salienta: “... estou transfigurando a realidade – o que é que está me escapando? Por que não estendo a mão e pego? É porque apenas sonhei com o mundo e jamais o vi.” (LISPECTOR 1973, p.65). Ora, eis aqui uma característica da prosa poética que se apresenta nos escritos claricianos: a narrativa transcorre na mente de quem a vai tecendo, como se esse se abandonasse ao sonho. (MOISÉS 2005, p.29)

Constata-se, assim, que a obra de Clarice está recheada em termos de prosa poética. Em relação a isso, Moisés (op. cit., p. 26) recorda-nos que esse rótulo destaca a presença conjunta de duas formas de expressão: a do “eu” (poesia), que se centra no pensar e sentir do sujeito e a do “não-eu” (prosa), que se volta, para os aspectos externos (cenário, personagens, etc.). Ora, àquela é justamente a estrutura sobre a qual se constrói *Água Viva*. Ao mesmo tempo, em que procura narrar uma história convencional, a autora tenta, através da falta dos personagens, expressar o seu “eu”:

Se tudo isso existe então eu sou. Mas por que esse mal-estar? É porque não estou vivendo do único modo que existe para cada um de se viver e nem sei qual é. Desconfortável. Não me sinto bem. Não sei o que é que há. Mas alguma coisa está errada e dá mal-estar. No entanto estou sendo franca e meu jogo é limpo. Abro o jogo. Só não conto os fatos de minha vida; sou secreta por natureza. O que há então? Só sei que não quero a impostura. Recuso-me. Eu me aprofundi mas não acredito em mim porque meu pensamento é inventado.”(LISPECTOR 1973: 44)

Assim, a linguagem poética provoca no leitor, a princípio, um “estranhamento”. Acostumado a desvendar o significado do que lê com facilidade nos textos do dia a dia, ele vê-se de frente com

uma linguagem a ser decifrada:

O horrível dever é o de ir até o fim. E sem contar com ninguém. Viver-se a si mesma. E para sofrer menos embotar-me um pouco. Porque não posso mais carregar as dores do mundo. Que fazer quando sinto totalmente o que as outras pessoas são e sentem? Vivo-as mas não tenho mais força. Não quero contar nem a mim mesma certas coisas. Seria trair o é-se. Sinto que sei de umas verdades. Que já pressinto. Mas verdades não tem palavras. Verdades ou verdade? Não vou falar no deus, Ele é segredo meu. ... (LISPECTOR 1973, p. 53)

A autora joga com várias frases aparentemente desconexas e que expandem o sentido geral da obra, criando imagens a serem observadas e analisadas, exigindo do leitor que decodifique, se puder, o quê lê, ou tenta ver. Ela segue firme, sustentando um é-se.

Deste modo Clarice deixa seu legado em prosa, com resquícios de uma poesia contemporânea, sendo que o que se chama aqui de poesia contemporânea é, sobretudo, aquela feita após a terceira fase do modernismo (1945) até os dias de hoje. Considera-se para efeito desta reflexão o período em que se enquadra sua confecção, uma poesia mais livre, adepta ao inconsciente. A poesia é arte e uma das funções da arte é questionar a realidade, fazer refletir e desestabilizar, ou seja, nos fazer sair da zona de conforto, em oposição ao entretenimento que nos acolhe, fazendo-nos esquecer a parte indesejável da vida e do cotidiano.

A poesia contemporânea nos possibilita sentir, de forma verdadeira, o mundo e não apenas fazer parte dele como uma peça dentro de uma grande engrenagem. Permite-nos ir em busca do *it*, de Ser, de um Eu que é, de algo que grita e talvez, do que está atrás do pensamento.

O que se pode afirmar é que a matéria da poesia contemporânea é o cotidiano, o comum, o ordinário, é a desmistificação dos mitos e a mitificação da experiência pessoal. Clarice parece seguir bem as linhas mestras desta poesia, com a fragmentação de seu texto, uma evidente expansão do ego, ilimitado e transgredindo os limites do real e com o lírico representado, ou uma tentativa de representação pela imagem, através da pintura e a despersonalização.

Conclui-se que a obra *Água Viva* apresenta muito da poesia contemporânea e talvez deva ser a obra clariciana que dela mais se aproxima, ou de algo entre a pintura e a poesia. Visto que não há um enredo, não há fatos, apenas reflexões, colocações, abstrações e diálogos concretos íntimos e que discutem sobre a vida, existência, numa comisseração fluente que conduz o leitor a preencher os espaços deixados ao fim de cada parágrafo. Uma escrita que continua, por sua forma, que desliza nas mãos de quem lê. A prosa também proporciona reflexões e abre-se para variados sentidos,

contudo quando predomina a linguagem poética isso se faz de maneira mais frequente e ousada.

Água Viva é um livro que se lê e ao terminar não se consegue contar a história a alguém, devido ao grande nível metafórico e aos recursos poéticos utilizados. Não se conta uma poesia, lê-se ou contempla-se. Promove uma dança de modo que seu texto vai e volta e fala sobre si mesmo, denota a angústia de sua autora, é circular.

Os escritos literários de Lispector diferenciam-se dos demais pela mescla de realidade e lirismo, cosidos através de generosas pitadas de linguagem poética. Ora, essa definição enquadra-se bem naquilo que, em literatura, convencionamos chamar de “prosa poética”: uma obra composta em prosa narrativa (conto, novela, romance, crônica) que, no todo ou em algumas partes (trechos, capítulos), deixa-se permeiar por soluções poéticas. (MOISÉS, 2004, p. 373).

Desta forma, a prosa clariciana só tem a ganhar com o cunho poético que sustenta. Da mesma forma que a poesia ganha, com a abertura às novas formas do escrever, do dizer, do contemporâneo que marca época e promove mudanças no cenário poético em seu sentido maior, na *poiesis* literária.

REFERÊNCIAS

- BACHELAR, Gaston. *A chama de uma Vela*. Bertrand Brasil: São Paulo, 1989
- BORELLI, Olga. *Clarice Lispector, esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- DINES, Alberto. *Carta de Alberto Dines a Clarice*. Disponível em: <http://www.claricelispector.com.br/carta_albertoDines.aspx> Acesso em: 15/12/2012
- JOUBERT, Jean-Louis. *La poésie: (Formes et Fonctions)*. Paris: Armand Colin, 1988.
- MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária – Prosa II*. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.
- MOSER, Benjamim. *Clarice, uma biografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- POUND, Ezra. *A arte da poesia*. Trad. H.de L. Dantas; J.P. PAES. São Paulo: Cultrix / EDUSP, 1976.
- SÁ, Olga de. *Clarice Lispector- a travessia do oposto*. São Paulo: Annablume, 2004.
- SÁ, Olga de. *A Escritura de Clarice Lispector*. 2. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: PUC, 1979.
- SEVERINO, Alexandrino. *As duas versões de Água Viva*. Remate de Males, n.9, 1989.
- SONTAG, Susan. *Uma prosa de poeta*. Questão de ênfase: ensaios. Companhia das Letras: São Paulo, 1983.